

26ª Bienal de São Paulo - 2004

L E I T U R A S D E A R T I S T A S



Apresentação
Entrevistas
Biografias
Glossário
Bibliografia
Imagens
26ª Bienal

MELIK OHANIAN



- [Biografia](#)
- [Sobre o artista](#)
- [Sobre a obra](#)
- [Leitura do artista](#)

ARTISTAS

Beatriz Milhazes
 Chen Shaofeng
 Eduardo Kac
 Esterio Segura
 Ivens Machado
 Luc Tuymans
 Melik Ohanian
 Paulo Bruscky
 Paulo Climachauska
 Pablo Siquier
 Rui Chafes
 Thiago Bortolozzo
 Vera Mantero
 Victor Mutale
 Xu Bing

Gostaria de conhecer uma biografia resumida da sua vida como artista.

Eu sou um artista francês. Cresci na França e minha descendência é armênia. Eu entrei em uma escola de artes na França e é isso. [\[Voltar\]](#)

Você começou seus trabalhos já em vídeo?

Meu primeiro trabalho foi fotográfico. Meu pai é fotógrafo e eu cresci como se estivesse dentro de fotos. Mas, de verdade, meu primeiro trabalho foi sobre cinema – cinema moderno – e toda minha referência vem dessa mídia. Mas eu também estudei outros conceitos e tento desenvolver meu estilo de trabalho em cima disso e de filmes em preto e branco clássicos. Eu me baseio mais nessa noção de espaço e tempo, que é bem arcaica, primitiva.

O trabalho que eu produzi aqui é a representação dessa idéia. Trata-se de seqüências de planos.

A ação acontece em apenas um lugar e momento, mas cada cena foi feita em diferentes lugares.

Quantos?

Sete. Assim, a ação no filme acontece em um espaço topográfico bem grande, mas as cenas convergem para um único tempo e espaço. É uma história sobre simultaneidade e unicidade.

Claro que a palavra é o passaporte para a globalização, mas você tem a influência da sua cultura. Como ela reflete-se no seu trabalho?

A cultura é filosófica e no meu trabalho está presente mais na narrativa. Você pode ver no filme todos os [símbolos](#) trabalhando juntos; acho que minha linguagem vem daí e a cultura está totalmente inserida nele. Tem muita música nesse filme. Tem um músico armênio e também um japonês. Então, para mim, cultura é o que fazemos todos os dias. Eu sei de onde vim, mas não sei para onde irei. Essa é uma pergunta da vida, na verdade.

Seu trabalho é uma [vídeo-instalação](#). Quais são os procedimentos técnicos usados para a criação quando você pensa na obra?

A idéia de fazer esse trabalho já era antiga. Tive há anos, mas não havia recursos possíveis para viabilizá-la. A idéia da simultaneidade veio quando eu trabalhava como editor de cinema, o que fiz durante 10 anos. Essas questões apareciam sempre nas edições de filmes.

A idéia de justaposição vem daí. Eu a guardei e mais tarde a desenvolvi. A técnica é difícil, mas não como aparenta. Toda técnica parece mais complexa do que realmente é.

Foi como colocar uma caixa de fósforos na mesa e sete pessoas em volta. É a mesma coisa, mas vista de ângulos e posições diferentes. Ninguém vê do mesmo jeito. O ângulo é outro, a posição é outra. É simples. [\[Voltar\]](#)



Fundação Bienal de São Paulo

Mas as etapas são complicadas.

É verdade. Mas no final o que você vai ver é bem simples, eu acho.

Quais idéias você quer passar através desse trabalho?

Umhas idéias **metafísicas**, existenciais e filosóficas de um ser e de um todo.

Tudo é um. É como uma floresta: tem árvores separadamente, com seus galhos entrelaçados e ao mesmo tempo é um ser.

A melhor metáfora para isso é música. O violino toca uma parte da peça, mas é seguido pelo resto e assim a música é criada.

Eu acho que vivemos assim, o que não é nenhuma novidade. Nós já sabemos disso.

Tudo o que acontece, essa noção de cultura, por exemplo, pode se misturar ou não.

O grande marco dos anos 90 nessa área foram as metrópoles, que sempre vêm produzindo a cultura almejada. Mas para mim elas nunca criaram algo interessante de verdade. São fantasmas, não realidade.

Para criar é preciso ter a noção de que cada um é um ser, um indivíduo. Isso pode promover um levante coletivo.

Para uma identidade coletiva se constituir são necessárias muitas identidades, seres únicos.

Mas também isso não é nenhuma novidade, vem do humanismo dos anos 80. É a consciência de quem eu sou, quem você é.

Uso a explosão no filme como uma metáfora sobre a explosão no sistema da identidade coletiva.

Nós sabemos que o mundo não vai bem, mas precisamos criar consciência disso e tentar entender o porque. A maior complexidade, porém, está nos problemas políticos e econômicos. Religião e imigração vêm depois, além de muitas outras questões. E o que nós podemos fazer é lidar com os fatos.

[**Voltar**]

Outra metáfora que você usa é sobre o tempo e espaço serem tão diferentes hoje em dia por causa da tecnologia, da internet, etc. 'Estar aqui' pode não ser realmente estar aqui fisicamente; podemos nos comunicar online com diferentes pessoas que estão em tempos diferentes do nosso.

Fiz estudos com web cam e você realmente pode compartilhar um momento, mas ele é virtual, não é realidade. Pra mim isso aqui é completamente diferente. Eu me esforço para ser realista.

Eu sou curioso sobre comunicação virtual, internet. Acho que ela está se desenvolvendo de uma maneira boa. Mas para mim o futuro é o passado, como a descoberta de Marte, que trouxe a realidade sobre a Terra ter mais de 5 mil anos. Isso foi há mais ou menos 50 anos atrás. Acho que o futuro serve para explicar o passado. O que também não é nenhuma novidade.

É importante para pensar no mundo.

Pra mim é uma grande convergência de analogias. Nós descobrimos, por analogia com Marte, a idade da Terra. E foi quando descobrimos que não éramos únicos. Somos uma unidade, mas não únicos isoladamente. Eu acho que nos projetamos na identidade coletiva.

Qual sua expectativa com o público brasileiro?

Estou curioso. Muito curioso. Primeiro porque é a primeira vez que esse dispositivo foi projetado. Quero ver como as pessoas vão vivenciar a obra na sua parte física, mais que no conceito. Conceitualmente podemos discutir depois. Vejo também que a cultura de onde vim e a daqui são muito próximas. Bom, vamos ver o que acontece. Estou curioso. [**Voltar ao início**]